



## VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

### UM “PRAZER SATÂNICO”: VOLÚPIA E MELANCOLIA EM *MEMÓRIAS DO SUBSOLO* E *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Ana Carolina Huguenin Pereira\*

O memorialista anônimo do subsolo dostoiévskiano, a exemplo de melancólicos personagens machadianos, como Bentinho e Brás Cubas, apontam a existência de certo prazer na revolta e na dor. Trata-se da obtenção de uma satisfação mórbida relacionada à revolta impotente e à inação desafiadora.<sup>1</sup> Trata-se do prazer na “dor de dentes”.

“Peço-vos, senhores: prestai atenção aos gemidos de um homem instruído do século XIX que sofra de dor de dentes [...] quando ele já começa a gemer [...] não simplesmente porque lhe doam os dentes; não do modo como o faz algum rude mujique, mas como geme um homem atingido pelo desenvolvimento geral e pela civilização europeia, um homem ‘que renunciou ao solo e aos princípios populares’, como se diz agora. Os seus gemidos tornam-se maus, perversos. [...]”

[...] é preciso adquirir um profundo desenvolvimento, uma profunda consciência para compreender todas as *sinuosidades dessa volúpia!*<sup>2</sup>

\* Mestre e Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta de História Contemporânea da UERJ/FFP.

<sup>1</sup> Em 1935, Augusto Meyer publicou breve ensaio intitulado “O Homem Subterrâneo”, comparando Brás Cubas ao memorialista do subsolo. Ironia e humor pontuavam a composição de ambos os personagens, marcados, segundo o autor, pela inação e pela revolta niilista diante da vida. Ver MEYER, Augusto. *Machado de Assis, 1935-1958*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2008. Sobre o ensaio de Meyer e a recepção da literatura russa no Brasil, ver GOMIDE, Bruno B. *Da estepe à caatinga. O romance russo no Brasil. (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2011.

<sup>2</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Ed 34, 2000. pp. 27-28. Grifos meus.

(No original, “надо глубоко доразвиться и досознаться, чтоб понять все изгибы этого сладострастия!”<sup>3</sup>)

Atingido em cheio pelo “desenvolvimento geral e pela civilização europeia”, ou pelo amplo conjunto de referências e influências, culturais e sociais, originário do ocidente europeu em contínuo processo histórico de modernização,<sup>4</sup> o memorialista do subsolo apresenta-se, logo na primeira frase de sua caótica exposição, como um “homem doente”.

“Sou um homem doente... Um homem mau. [...]. Creio que sofro do fígado. [...] não sei, ao certo, do que eu estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos. Ademais, sou supersticioso ao extremo; ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso.) Não, se não quero me tratar, é apenas de raiva.”<sup>5</sup>

Na qualidade de ‘homem instruído do século XIX’, habitante de Petersburgo - “janela” que Pedro o Grande, tsar modernizador, abriu “para a Europa” - a personagem define-se enquanto alguém “esclarecido” o bastante para rejeitar superstições (embora não as rejeite) e reconhecer a legitimidade do saber médico (embora não o reconheça); ironias “subterrâneas” à parte, o fato é que o memorialista padece, mas não busca tratamento, não acreditando que os médicos possam aliviar os sintomas misteriosos. Derramando sua bile, geme perversamente pelas páginas que seguem, de dor e de raiva, não como o faria um “rude mujique” diante de uma simples dor física, de localização e diagnóstico precisos – a dor de dentes, por assim dizer, “tradicional” - mas como um “camundongo de consciência hipertrofiada”<sup>6</sup>, enterrado no subsolo e, não obstante, de olhos fixos no “belo e no sublime”<sup>7</sup>. Quanto maior a consciência do ideal inatingível,

<sup>3</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Sobranie sotchiniênii v deviaty tomakh*. Moskva: ACT, 2003, p. 619. Grifos meus.

<sup>4</sup> Ao discutir a modernidade e os processos históricos da qual é resultante, M. Berman elabora a seguinte definição: “O *turbilhão* da vida moderna tem sido alimentado [...] por grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimentos científicos em tecnologia, cria novos ambientes humanos [...]. [...] os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o em um perpétuo estado de vir a ser vêm a chamar-se modernização.” BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 16.

<sup>5</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. op. cit. p. 15.

<sup>6</sup> Id. Ibid. p.22.

<sup>7</sup> A expressão, utilizada irônica e repetidas vezes pelo memorialista, se refere ao ensaio kantiano *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764), no qual “o sentimento do belo e do sublime” é discutido e relacionado a diversas atividades e experiências humanas. Ver KANT, E. *Lo*

maiores o ressentimento e os grunhidos do “homem instruído” que “renunciou ao solo e aos princípios populares” (rompendo com a tradição e aproximando-se do universalismo moderno)<sup>8</sup>; e mais intratável pelos médicos e dentistas figura a dor, uma vez que começa e termina para além do fígado ou da boca. É o sofrimento moral do sujeito enredado em ideais do ‘desenvolvimento’ oitocentista, que desafia “Natureza ou Pandora”<sup>9</sup>, a si mesmo e às próprias limitações, sempre com um resquício – humilhante – da “dor de dentes.” Trata-se da “humilhação da consciência”, do disparate entre o ‘cérebro hipertrofiado’ e o frágil corpo (e arcada dentária) do ‘camundongo’ submetido à natureza:

“Nestes gemidos se expressa [...] toda a inutilidade da vossa dor, humilhante para a vossa consciência; toda a legalidade da natureza [...] que [...] vos faz sofrer, enquanto ela não sofre. [...]; a consciência de que apesar de todos os [dentistas] Wahrenheim, sois plenamente escravos dos vossos dentes.”<sup>10</sup>

Ser escravo dos próprios dentes seria uma forma de degradação, especialmente quando a “escravidão” se dá a despeito de todos os “Wahrenheim,” de técnicas e expedientes odontológicos - médicos, farmacológicas e assim por diante – ou do conjunto de esforços modernos, científicos, para superar os “dentes,” proclamando a superioridade, ou alguma autonomia da “consciência” perante os mesmos. Aponta-se o inconformismo, o voluntarismo, o orgulho modernos do “homem instruído” diante dos “dentes” de

---

*bello y lo sublime; La paz perpetua.* Buenos Aires: Espasa Calpe Argentina: 1946. Nas *Memórias do subsolo*, a expressão contrasta os ideais mais elevados, por um lado, e, por outro, as misérias e mesquinhas que atormentam a personagem e compõem seu “subsolo.”

<sup>8</sup> Os processos históricos de modernização envolveram transformações na atitude intelectual, nas ciências e nas relações humanas de forma geral e abrangente. Na vanguarda deste amplo movimento de redefinições, a Europa ocidental exerceu grande impacto, material e cultural, sobre a Rússia e o Brasil. Ambos os países, guardando suas especificidades, seriam atingidos em seus contextos tradicionais, predominantemente agrários, hierarquizados e profundamente marcados, respectivamente, pela servidão e pela escravidão. Sobre a modernidade – significados, impactos, representações e experiências – ver, por exemplo, BERMAN, M. op. cit. Sobre impactos específicos, diálogos e transformações russos diante da modernidade oitocentista, ver, entre outros, FRANK, J. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: EDUSP, 1992; e WALICKI, A. *A history of russian thought: from the enlightenment to marxism*. Stanford: Stanford University Press, 1979. No caso brasileiro, tratando de questões concernentes a processos de modernização e permanências tradicionalistas, recriadas na obra de Machado de Assis, ver, por exemplo, SCHWARZ, R. *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Ed. 34, 2000; e CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

<sup>9</sup> Em famosa passagem das *Memórias Póstumas*, Brás, em estado delirante, retrocede à “origem dos séculos”, deparando-se com gigantesca figura feminina, chamada “Natureza ou Pandora”. - “Sou tua mãe e tua inimiga”, revela Pandora ao memorialista, que retruca: - “Tu és absurda.” Ver: ASSIS, Machado de. “O delírio”. Em: *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ed. FTD, 1992. pp. 27 a 32.

<sup>10</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. op. cit. p. 26. Grifos meus.

“Pandora”. A eles os mujiques, distantes dos ‘Wahenheim’, e do “desenvolvimento geral e da civilização europeia” se submetem ainda e como sempre, mas não o nosso “homem instruído”, que acrescenta dor “de consciência” à dor física. Trata-se de uma sobrecarga, no limite suicida (na medida em que confina a vida ao “subsolo”), de pressão e sofrimento morais. Restaria, aos “camundongos” inconformados, de “consciência humilhada” (ou, segundo expressão machadiana, de “consciência boquiaberta”)<sup>11</sup> um consolo irracional: “resta-vos, para vosso consolo, dar uma surra em vossa própria pessoa ou esmurrar do modo mais doloroso o vosso muro, e nada mais.”<sup>12</sup>

Que fazer? Esmurrar-se inutilmente, aumentando a própria dor e o seu despropósito. Desta maneira a voz subterrânea responde a dois dilemas erigidos na Rússia do século XIX – O que fazer? (Nicolai Tchernichévski) e De quem é a culpa? (Alexander Herzen). Respostas: nada; ninguém. Qual seria o sentido de esmurrar a si próprio? Nenhum.

Trata-se da “volúpia sinuosa,” de um coro de “gemidos perversos”, do prazer *no* desprazer, expresso ao longo da narrativa:

“[...] é [...] neste repugnante semidesespero [...] neste consciente enterrar-se vivo, por aflição, no subsolo, [...] em toda esta *peçonha dos desejos insatisfeitos* [...] que consiste o sumo daquele prazer estranho de que falei. *Este prazer é a tal ponto sutil*, e [...] às vezes inapreensível à consciência, que as pessoas um pouquinho limitadas [...] não [o] compreenderão [...]”<sup>13</sup>

A “peçonha dos desejos insatisfeitos” satisfaz alguma “necessidade” sutil e misteriosa, intoxicante e constitutiva de um prazer peculiar – uma espécie de vício, irracional por definição: “embora o seu cérebro funcione, seu coração está obscurecido pela perversão.”<sup>14</sup> Perversão, peçonha, obscurecimento “inapreensíveis à consciência”, e, ao mesmo tempo, derivados da mesma – ou de sua “hipertrofia” oitocentista, histórica, moderna: “Eu era um homem doentamente cultivado, como deve ser um homem de nossa

<sup>11</sup> Sobre a morte sofrida da mãe, Brás Cubas revela: “Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano... [...]. [...] lembra-me que não chorei durante o espetáculo [da morte]: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta.” O episódio o faria “renunciar a tudo”, e carregar e seu “espírito atônito” e sua “consciência boquiaberta” ao isolamento. Brás afasta-se para curtir a dor e digerir a morte, tendo, sem dúvida, mais sucesso na primeira que na segunda empreitada. Ver ASSIS, J. M. de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, op.cit. p. 60

<sup>12</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. op. cit. p. 27.

<sup>13</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. op. cit. p. 24. Grifos meus.

<sup>14</sup> Id. Ibid. p. 52.

época”<sup>15</sup>. Quanto maior a procura pelo “belo e o sublime”, maior seria a ‘peçonha dos desejos insatisfeitos’ e o avivamento da ‘própria desonra’:

“chegava a [...] sentir um certo prazerzinho secreto, anormal [...] quando [...] em alguma noite horrível de Petersburgo, regressava ao meu cantinho e me punha a lembrar [...] que naquele dia tornara a cometer uma ignomínia [...]. Remordia-me [...] dilacerava-me, rasgava-me e sugava-me até que o amargor se transformasse, finalmente, em certa doçura vil, maldita, e depois, num prazer sério, decisivo! [...]. [...] *O prazer provinha da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação [...].*”<sup>16</sup>

Degradação preciosa – as “pepitas do lodo”, como se refere Mítia Karamázov.<sup>17</sup> À escravidão à natureza acrescenta-se a escravidão ao “subsolo”, ou ao prazer perverso, que através do “lodo” se obtém. Ao padecimento físico acrescenta-se padecimento moral e ‘desonra da consciência’. Configura-se, por fim, o insuportável, que leva à inação doentia - “o fim dos fins, meus senhores. O melhor é a inércia consciente. Viva o subsolo!”<sup>18</sup>

O tema da ação corrosiva e indiferente da natureza está presente, de forma bastante semelhante, nas *Memórias Póstumas*. A morte da mãe, que desperta melancolia e estupefação (“consciência boquiaberta”) em Brás Cubas, é registrada da seguinte maneira: “Quê? Uma criatura tão dócil [...] era força que morresse assim, tratada, mordida pelo dente tenaz de uma doença sem misericórdia? [...] tudo aquilo me pareceu [...] insano.”<sup>19</sup> E ainda: “porque o cancro é indiferente às virtudes do sujeito; quando rói, rói; roer é seu ofício.”<sup>20</sup>

No registro dostoiévskiano, trata-se de potencializar a “dor de dentes”, a ação dilacerante dos “dentes” de “Pandora”, roendo as próprias carnes – ‘remordia-me, dilacerava-me, rasgava-se e sugava-me’ – devorando-se no prazer de uma dor sutil e sem propósito. O gatilho de tal auto-destruição seria, segundo apontam os memorialistas russo

<sup>15</sup> Id. Ibid. p. 57.

<sup>16</sup> Id. Ibid. pp.19-20. Grifos meus.

<sup>17</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 164.

<sup>18</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. op. cit., p. 50.

<sup>19</sup> ASSIS, J. M. de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, op.cit. p. 61.

<sup>20</sup> Id. Ibid. p. 60.

e brasileiro, a consciência atormentada (ou “hipertrofiada”), que busca autonomia e sentido diante de “Pandora”.

A estranheza sutil e indireta dos prazeres “subterrâneos” se faz presente, mais uma vez, em Brás Cubas, quando o personagem rememora, logo após o falecimento da mãe, o “desabrochar da flor amarela, solitária e mórbida” da hipocondria, exaltando, justamente, seu “cheiro inebriante e sutil.”<sup>21</sup>

- “Que bom que é estar triste e não dizer coisa nenhuma!” – quando esta palavra de Shakespeare me chamou atenção, confesso que senti em mim um eco [...] delicioso.”<sup>22</sup>

A delícia do tormento - a tristeza shakespeariana ecoa nos trópicos, “debaixo de um tamarineiro;”<sup>23</sup> ou no silêncio casmurro de personagens machadianos – “estar triste e não dizer coisa nenhuma”; ou ainda na tagarelice enfurecida (e por isso, muitas vezes, cômica) do homem do subsolo; nas “noites sujas de Petersburgo”, ou nos dias claros de luto fechado na Tijuca.

A referência a Shakespeare como tradutor universal de sentimentos “hamletianos” que acometem Brás e outros seres humanos ao longo do tempo é imediatamente sucedida por um contraste que marca as coordenadas locais. Isto se verifica no próprio vocábulo das *Memórias Póstumas* - as expressões eloqüentes de referência literária shakespeariana, o memorialista acrescenta em seguida:

“Lembra-me que estava sentado [...] com o livro do poeta debaixo das mãos, e o espírito ainda mais cabisbaixo que a figura – ou jururu, como dizemos das galinhas tristes.”<sup>24</sup>

Há o esdrúxulo da imagem, fundindo homens e galinhas, transferindo Shakespeare ao galinheiro e associando, ainda uma vez, “a pena da galhofa” (e da galinha) à “tinta da melancolia.” A fúria galhofeira de Machado não poupa o Brasil, o memorialista da elite brasileira, não resguarda Shakespeare e nem mesmo as galinhas. A galhofa, neste caso, reivindica status local e universal, demarcando e transgredindo fronteiras.

<sup>21</sup> Id. Ibid. p. 62

<sup>22</sup> Id. Ibid. p. 62. Grifos meus.

<sup>23</sup> Id. Ibid.

<sup>24</sup> Id. Ibid.

No luto do rico e ocioso Brás, dilacerado diante da morte; ou na casmurricie de Bentinho, o senhor de escravos remoendo inutilmente o passado; no “subsolo” histórico - moderno, russo e, ainda mais especificamente, petesburguense; na procura de certas personagens dostoiévskianas por redenção e salvação cristãs (universais e especificamente russas), verifica-se questionamentos aos processos históricos de modernização na Rússia e no Brasil, e à modernidade de maneira geral. Tais críticas adquirem coordenadas universais e nacionais, talhadas num complexo e fragmentado jogo de espelhos.

Espelhando tristeza shakespeariana e galinácea, Brás segue narrando a respeito do estado de luto:

“Apertava ao peito a minha dor taciturna, com uma sensação única, [...] que poderia chamar volúpia do aborrecimento. [...] uma das sensações mais sutis desse mundo e daquele tempo.”<sup>25</sup>

Temos um acréscimo e uma associação entre volúpia e melancolia semelhante àqueles descritos pelo memorialista do subsolo. O sentimento doloroso ganha adjetivação específica – taciturno – e não é apenas vivenciado, mas apertado contra o peito, como um recém nascido; ou, antes, uma amante – porque neste “abraço” existe, conforme aponta o narrador, volúpia. Trata-se, portanto, de um “aborrecimento” peculiar. A “dor de dentes”, também neste caso, é mais sutil e indireta que aquela do “rude mujique” - não foram atingidos apenas os sentimentos de Brás, mas também sua consciência, que ficara, como nos referimos, “boquiaberta”, “humilhada” e finalmente inconformada diante de “Pandora” (“Tu és absurda!”) – chegando, inclusive, a buscar meio de derrotá-la, através de um invento genial e imortalizante, de natureza científica: o emplasto Brás Cubas.<sup>26</sup> “A sutileza do sentimento é deste mundo e daquele momento” registra a personagem, atribuindo-lhe marco histórico – novamente, moderno, oitocentista.

É interessante retomarmos a expressão de Dostoiévski – “todas as sinuosidades dessa volúpia [dos gemidos de dor]” – para compará-la à expressão correlata, utilizada

<sup>25</sup> ASSIS, J. M. de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, op.cit., p. 62.

<sup>26</sup> O emplasto Brás Cubas seria um “medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco destinado a aliviar nossa melancólica humanidade”, garantindo, por vias científicas, o fim da melancolia, e imortalizando o nome de Brás em caixinhas de remédio. Antes que o projeto se concretizasse, porém, “Pandora” leva o inventor e seus sonhos de grandeza ao “além túmulo” . Id. Ibid. p. 20.

por Machado – “a volúpia do aborrecimento.” Entregando-se a tal volúpia, Brás aperta ao peito a “dor taciturna”, embalando-a, cultivando-a e deliciando-se com a mesma.

No leito de morte, pouco antes do “encontro” delirante com “Pandora”, Brás receberia a visita de Virgília. Ao contrário de Bentinho, o ‘defunto autor’ havia se protegido de eventuais “casmurrices” suscitadas pelo casamento, pelas possibilidades de infidelidade conjugal. Não quisera casar-se com Virgília, a quem muito amou; mas tornou-se seu amante, logo depois de casada. Do ponto de vista da infidelidade amorosa, o “acordo” era seguro – Brás não seria o homem “traído”, mas o homem com quem se traía. O caso durou anos, rendeu grandes momentos de felicidade, mas, de acordo com o que tempo ordena e “Pandora” acaba por digerir, esvaiu-se.

Envelhecida, Virgília foi visitar o ex-amante moribundo. Tendenciosamente, eis os pensamentos que assomaram à mente de Brás:

“De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois, havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela.”

[...]

[...] eu, prestes a deixar esse mundo, sentia um *prazer satânico* em mofar dele, em persuadir-me que não deixava nada.”<sup>27</sup>

Não haveria a possibilidade de pensar, ao olhar para a mulher que se amou, em coisas diversas da corrosão material, temporal e psicológica (o “murchos”, o “saciado”, o “nada”)? Ainda que sentido a dor da passagem do tempo, não poderia o “bípede” Brás Cubas mostrar-se menos “ingrato”<sup>28</sup> diante da vida, que, afinal, seja como for, ofereceu-lhe oportunidade de conhecer e ser feliz, por um bom tempo, com uma mulher que dele se despedia? Não poderia o “defunto autor” registrar outras emoções que não um melancólico e derrotado inconformismo? Aparentemente não. E isto tem como fundo certa motivação que logo emerge – “um prazer satânico”. Murchar e mofar, viver e morrer zombeteiramente, a mofa como uma espécie de “vingança”, ou ao menos um disfarce, contra o mofo, o murchos, contra o mundo que se é obrigado a deixar. Haveria aí um “prazer satânico” que muitos “endemoninhados” dostoiévskianos compartilham.

<sup>27</sup> Id. Ibid. p. 25-26. Grifos meus.

<sup>28</sup> “Bípede ingrato” é uma expressão utilizada nas *Memórias do Subsolo*: “Penso que a melhor definição do homem seja: um bípede ingrato.” Ver DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. op. cit., p. 42.



A zombaria machadiana, os “risos ao canto de boca”<sup>29</sup> insistentes, quase onipresentes, carregam um quê de “satânico” – no sentido de não estarmos, evidentemente, diante de um humor inocente, infantilizado, mas irônico, demolidor, relativista e ao mesmo tempo acusatório, apontando “satãs” locais, históricos e universais. “Satãs jururus” do Brasil e “satãs” shakespearianos em sincronia assimétrica.

Os personagens “satânicos” de Dostoiévski por vezes levam sua “volúpia” mais longe, percorrem com ela caminhos mais extremos que os machadianos – são assassinos, suicidas, estupradores, molestadores de crianças.

A dimensão “satânica” da vida, das elites, dos “humilhados e ofendidos”, dos seres humanos em geral, do Brasil, de São Petersburgo, do Rio de Janeiro, da Rússia, de tradições e modernidades, ganham relevo na obra de ambos os autores, russo e brasileiro. Mas Dostoiévski, com a intensidade que lhe é característica, explora questões e alternativas ligadas a possíveis redenções espirituais.

Tais questões assumem direções bem distintas do “satânico” (embora o pressuponham, e dialoguem com ele) e apontam uma grande especificidade da obra dostoiévskiana em relação à de Machado, enquanto um autor que evoca e defende valores cristãos. A tensão entre vida e morte, entre perdição e redenção, entre crime e arrependimento, estão presentes no autor russo de uma maneira que não se pode perceber em Machado. A obra do brasileiro não é pródiga em apresentar personagens que encarnem e representem mairas propostas redentoras, de acordo com tradições e sensibilidades religiosas, como Aliósha Karamázov<sup>30</sup>, Sônia<sup>31</sup> ou Míchkin.<sup>32</sup> Em Dostoiévski, não apenas “satã” toma a palavra - a mofa, o sofrimento, a loucura, e a falta de fé - mas os valores cristãos – e o próprio Cristo, de diversas maneiras - são evocados, e uma batalha toma lugar.

Mesmo no solitário “subsolo”, diferentes “falas” ressoam, se entrecortam e dialogam todo o tempo, numa multiplicidade que Bakhtin denomina “polifônica”.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> Ver ASSIS, Machado de. “Teoria do Medalhão.” Em: 50 contos de Machado de Assis. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

<sup>30</sup> Ver DOSTOIÉVSKI, F. *Os irmãos Karamázov*. op. cit.

<sup>31</sup> Ver DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e Castigo*. São Paulo: Ed. 34. 2001.

<sup>32</sup> Ver DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*. São Paulo: Ed. 34. 2002.

<sup>33</sup> Ver BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

“Enterrado há quarenta anos” a personagem desconfia do próprio “emaranhado lógico”, reconhecendo que o “melhor não é o subsolo, mas algo diverso”<sup>34</sup> – tudo isto com impertinência, entre idas e vindas circulares, circulando ele mesmo, incessantemente, entre o subterrâneo e suas “frestas”.

É curiosa a falta de esperança do memorialista, ao afirmar, misterioso, que existiria “algo diverso pelo qual anseio, mas jamais hei de encontrar.”<sup>35</sup> Seria possível encontrar “algo diverso”? Alguns personagens dostoiévskianos de emergir do “subsolo” para abraçar algo novo, a exemplo de Míchkin e Raskólnikov. O autor explora as ascensões e quedas de circuitos intercambiantes entre as alturas da fé e os “subsolos” da angústia. As “caminhadas”, por vezes redentoras, de personagens dostoiévskianos, são, neste sentido, mais “longas” que a de personagens machadianos, mas o defrontar-se com ‘Pandora’ não menos assustador.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, J. Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ed. FTD, 1992

\_\_\_\_\_. *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Cia da Letras, 2007.

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHALHOUB, S. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do Subsolo*. São Paulo: Ed.34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Crime e Castigo*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Idiota*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os Demônios*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

<sup>34</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. op. cit. p. 51.

<sup>35</sup> Id. Ibid.

\_\_\_\_\_. *Sobranie sotchiniênii v devяти tomakh*. Moskvá: ACT, 2003.

FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: EDUSP, 1992.

GOMIDE, Bruno B. *Da estepe à caatinga. O romance russo no Brasil. (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2011

KANT, E. *Lo bello y lo sublime; La paz perpetua*. Buenos Aires: Espasa Calpe Argentina: 1946.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis, 1935-1958*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2008.

SCHWARZ, R. *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

WALICKI, Adrzej. *A history of russian thought: from the enlightenment to marxism*. Stanford: Stanford University Press, 1979.

